



RELATÓRIO VALORES EM CRISE 2020

Boas-vindas

É com imenso prazer que o Instituto Sivis e Instituto Votorantim apresentam a primeira etapa da pesquisa **Valores em Crise 2020**.

Desde 2019, o Instituto Votorantim e a Votorantim S.A. promovem o Programa Cidadania, um conjunto de iniciativas que tem o objetivo de ampliar a consciência cidadã e fomentar a participação ativa dos indivíduos na sociedade. Estruturado sob os pilares de sensibilização, geração de conhecimento e intervenções práticas, o programa atuar para fortalecer a cultura democrática e melhorar os níveis de participação política dos brasileiros.

O propósito e os esforços do Programa Cidadania estão altamente alinhados ao propósito do Instituto Sivis, uma organização sem fins lucrativos e apartidária que visa construir um Brasil mais colaborativo, honesto e democrático por meio do fortalecimento da cultura democrática brasileira.

Sendo assim, quando, em meados de abril de 2020, frente ao recrudescimento da crise do coronavírus ao redor do globo, a World Values Survey Association (WVSA), responsável pela criação e gerenciamento da maior e mais profunda pesquisa mundial de valores, lançou um convite para organizações no mundo todo participarem de um novo projeto, com vistas a estudar os valores morais em três momentos – durante a crise do coronavírus (primeira onda), logo após a crise cessar (segunda onda) e aproximadamente um ano após a crise (terceira onda) – fez sentido para nós colaborarmos juntos para trazer essa pesquisa ao Brasil.

O projeto **Valores em Crise**, liderado pelo vice-presidente da associação, Professor Christian Welzel (*Leuphana University Lueneburg*), tem uma grande importância para a compreensão de valores da cultura democrática, um tema-chave para o Instituto Sivis e para o Instituto Votorantim.

Nas próximas páginas, explicaremos a fundo a pesquisa e os resultados alcançados.

Desejamos uma boa leitura!

Sumário Executivo

- O objetivo da pesquisa é descobrir como a percepção dos entrevistados sobre a crise do coronavírus se transformou ao longo da pandemia e como essas mudanças de perspectiva afetaram seus valores morais e orientações sociais.
- O painel é composto por cerca de 3.543 entrevistados, que responderam ao questionário entre os dias 18 de maio e 19 de junho de 2020, residentes nas cinco regiões do país, com características que se aproximam às da população brasileira. Esta é a primeira onda do estudo, que terá um total de três ondas.
- As questões estão organizadas nos seguintes blocos: Percepção de crise; Valores morais; Traços de personalidade; Orientações sociais.
- Há efeitos visíveis da pandemia nas experiências econômicas dos entrevistados. 40% deles estão recebendo dinheiro de algum auxílio emergencial, enquanto 34,6% sofreram impactos econômicos severos, como perda de emprego ou fechamento do negócio próprio.
- A expectativa dos entrevistados para o futuro é fortemente negativa. Praticamente 2 em cada 3 brasileiros acreditam que o país sairá gravemente prejudicado da crise da COVID-19.
- Há algumas percepções positivas. 44,8% dos brasileiros dizem ter observado mais solidariedade em suas interações durante a pandemia.
- A maioria dos entrevistados concorda em algum grau que a democracia é a melhor forma de governo, sendo que 40,1% concordam totalmente e 35,8% concordam em parte. A pesquisa pede que os entrevistados expressem seu grau de concordância ou discordância com a frase “quando há uma situação de crise, não importa que o governo passe por cima de leis, do Congresso ou das instituições com o objetivo de resolver os problemas e melhorar a vida da população”. Apenas 17,5% dos brasileiros discordaram totalmente da frase, indicando que 82,5% deles aceita algum grau de relativização do regime. Isto é um indício do que o compromisso dos brasileiros com a democracia não está ancorado em bases sólidas.
- 73,6% dos brasileiros que dizem concordar totalmente que a democracia é a melhor forma de governo aceitariam relativizar o regime em situações de crise.
- 56,3% dos brasileiros desaprovam a forma pela qual o governo está enfrentando a crise do coronavírus, ao passo que 75,1% dos entrevistados desaprovam o comportamento das outras pessoas durante a crise.
- Metade dos brasileiros acredita que as mídias sociais são tão confiáveis quanto a mídia tradicional, embora 83,7% deles afirmem que não acreditam em boatos relacionados à pandemia.

- As instituições que se mostram mais confiáveis são as do setor de saúde, embora também haja níveis significativos de desconfiança em relação a elas. 57,7% dos brasileiros desconfiam em algum grau do setor de saúde. 70,7% desconfiam do governo e 66% das instituições como um todo.
- A maioria dos entrevistados preocupa-se muito com seus familiares, com diminuições relevantes à medida que se afastam de seu círculo de relacionamento mais próximo. Ao mesmo tempo, mais de 30% dos brasileiros afirmam se preocupar em alguma medida com pessoas desconhecidas, sejam da própria cidade ou de outros lugares.
- Os resultados para cooperação social indicam certo grau de disposição dos brasileiros em engajarem-se com as comunidades com as quais convivem, principalmente se elas são próximas de suas realidades. Mesmo quando lidam com desconhecidos, sejam da cidade ou de outros lugares, quase 30% dos respondentes dizem se engajar às vezes para resolução de problemas coletivos.
- Os resultados da primeira onda da pesquisa Valores em crise revelam uma população fortemente afetada pela pandemia da COVID-19 e que expressa expectativas negativas para o futuro. Em termos políticos, há limitada adesão à democracia, especialmente quando se trata de um apoio qualificado ao regime. A cultura democrática aparece fragilizada, embora haja possibilidades de fortalecê-la, especialmente por meio do aumento da solidariedade e da cooperação entre os cidadãos.

Introdução

A pesquisa **Valores em Crise** parte da ideia de que as pessoas têm um senso intuitivo sobre o certo e o errado, sobre o que é justo e o que não é. Os valores morais determinam como elas julgam situações e outras pessoas e, portanto, como elas se comportam em diferentes contextos sociais. A distribuição agregada de valores em uma população, portanto, molda os padrões predominantes de comportamento humano, que por sua vez orientam o desenvolvimento geral de uma sociedade. Por todas essas razões, os valores morais são de relevância crítica para o bem-estar da sociedade.

A literatura especializada sustenta que os valores morais das pessoas tomam forma durante sua fase formativa de socialização, sendo finalizada por volta dos 25 anos (Inglehart and Welzel, 2009). Os valores morais que as pessoas internalizaram até então são considerados estáveis pelo resto da vida. Essa continuidade não exclui inteiramente, no entanto, ajustes momentâneos, por exemplo, na avaliação das pessoas da liberdade versus segurança, em resposta a mudanças situacionais. Tais ajustes situacionais, porém, ocorrem em torno de pontos estáveis que perduram ao longo da vida das pessoas. Portanto, os estudiosos presumem que mudanças de valor inovadoras em escala de massa só podem ocorrer através da substituição geracional, que é um processo lento que ocorre em “ritmo glacial”. Por outro lado, mudanças rápidas de valor exigiriam que um grande número de pessoas alterasse substancialmente seus valores dentro de um curto espaço de tempo. As evidências disponíveis sugerem que isso não acontece em circunstâncias usuais.

Todavia, não se sabe, até o momento, se a “estabilidade glacial” dos valores que observamos rotineiramente em tempos normais persiste em tempos altamente incomuns, quando uma crise repentina de proporções maciças atinge uma sociedade inteira. A evidência conclusiva que permitiria responder a essa questão inexistente, porque há pouca ou nenhuma pesquisa que examine os valores das pessoas ao longo de uma crise incisiva.

Neste sentido, a pandemia de Covid-19, que ainda está em andamento na maior parte do mundo, é a mais dramática crise social desde a Segunda Guerra Mundial. Governos em dezenas de países, incluindo a Alemanha, impuseram limitações à mobilidade das pessoas que limitaram diversos aspectos da vida pública. Essas medidas aproximam-se dos toques de recolher que são conhecidos apenas em estados de emergência, como em tempos de guerra. Tudo isso cria uma situação dramaticamente perturbadora. O sentimento geral de perturbação é reforçado ainda mais por outras ações governamentais excepcionais. Para amortecer a recessão econômica esperada, os governos promulgaram pacotes de ajuda emergencial verdadeiramente gigantescos, cuja escala é sem precedentes desde o Plano Marshall.

Levando estes fatores em conta, a pandemia em andamento oferece uma oportunidade única — um experimento natural — para estudar como os valores morais das pessoas se comportam em tempos de crise. Diante da falta de evidências, não podemos dar como certo que a estabilidade dos valores observados em tempos normais continuaria durante a

crise do coronavírus. Essa incerteza abre novos territórios e levanta várias questões iminentes de pesquisa: a pandemia de Covid-19 afeta os valores das pessoas? Em outras palavras, as pessoas mudam seus valores sob a marca desta crise? Se sim, qual o tamanho dessas mudanças? E se essas mudanças são enormes, em que direção elas se movem? Finalmente, quão duradouras são essas mudanças, quando o fim da crise está à vista e as suas consequências econômicas parecerem superadas? Os valores morais das pessoas voltam ao seu antigo ponto de ajuste ou a crise deixa um impacto duradouro?

O objetivo da pesquisa, portanto, é descobrir como a percepção dos entrevistados sobre a crise se transformou e como essas mudanças de perspectiva afetaram seus valores morais e orientações sociais. Os entrevistados foram selecionados a partir de uma amostra representativa, para que generalizações para uma determinada população de um país sejam possíveis. Sob as restrições de contato atuais, dadas as políticas de isolamento social, o uso de painéis online foi a única opção viável.

Representando um esforço inicial para atingir o objetivo, este relatório apresenta os principais resultados para a aplicação da primeira onda da pesquisa sobre os valores morais da população brasileira, aplicada durante a crise do coronavírus. Como se trata de uma pesquisa em andamento, os dados apresentados aqui são majoritariamente descritivos, oferecendo um retrato dos valores dos brasileiros durante os momentos mais agudos da pandemia. A complementação com as outras ondas do estudo permitirá responder devidamente às questões de pesquisa, bem como encontrar elementos explicativos para o quadro a ser diagnosticado.

Metodologia

A fim de conduzir o estudo, foi criado um painel longitudinal que examina as mesmas pessoas nas diferentes etapas da pandemia do coronavírus. O painel foi composto por cerca de 3.543 entrevistados, que responderão ao questionário online em três ondas consecutivas, programadas da seguinte forma: onda 1, “No meio da crise”, que foi aplicada entre os dias 18 de maio e 19 de junho de 2020, enquanto estava em vigor o isolamento social. Os resultados apresentados aqui referem-se à primeira onda. A onda 2, “Fim à vista”, será aplicada em um momento que a vida pública começar a voltar à normalidade, enquanto a onda 3, “Após a recuperação”, deve acontecer pelo menos um ano depois da primeira, quando a economia começar a se recuperar da recessão esperada. A necessidade de entrevistar os mesmos indivíduos nas três ondas envolverá, invariavelmente, certa taxa de desistência. Contudo, esperamos obter pelo menos 1.000 respostas válidas na terceira onda, garantindo uma amostra substancial.

O questionário aplicado é totalmente padronizado com perguntas fechadas, usando itens com histórico comprovado de outras pesquisas bem documentadas, a exemplo das questões sobre valores morais, que foram retirados da Pesquisa Social Europeia (European Social Survey – ESS). O fato de usarmos itens que já foram repetidamente colocados em campo antes da crise em um cenário representativo nos fornece uma referência importante para avaliar em que medida o suporte a certos valores diminuiu ou aumentou substancialmente em todo o público. No caso da execução da pesquisa no Brasil pelo Instituto Sivis, também foram inseridas algumas questões presentes no questionário do Índice de Democracia Local (IDL), o que possibilitou traçar paralelos interessantes com os dados já coletados pelo IDL em São Paulo e em Curitiba anteriormente.

Os respondentes levaram cerca de 20 minutos para responder ao questionário, que é composto pelos quatro blocos temáticos a seguir:

(1) Percepção de Crise: questões sobre como as pessoas percebem a crise por si mesmas, em nível individual, e pela sociedade, quanta ansiedade a crise causa nelas, bem como quão solucionável elas consideram ser a crise diante da reação do governo, do Estado e do comportamento das pessoas em geral. Outra questão aborda quão severas são as consequências econômicas da crise na avaliação das pessoas, tanto para si mesmas e quanto para a sociedade como um todo.

(2) Valores Morais: utilizamos os vinte e cinco itens da ESS que cobrem os chamados valores “Schwartz”¹. O objetivo é classificar as pessoas na dimensão de valor “Conservação versus abertura”, bem como na dimensão de valor “Auto-aprimoramento versus autotranscendência” e acompanhar seu movimento nessas dimensões ao longo dos estágios subsequentes da crise do coronavírus. Da mesma forma, usamos doze itens da ESS e do World Values Survey, usados para medir as versões breves dos valores “Sagrado

¹ O survey de valores Schwartz é amplamente utilizado para estudar diferenças individuais em valores. Mais informações em <https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/core_ess_questionnaire/ESS_core_questionnaire_human_values.pdf>.

versus Secular" e "Patriarcal versus Emancipativo". Além disso, o uso das duas concepções de valor oferece uma nova oportunidade para relacioná-las entre si.

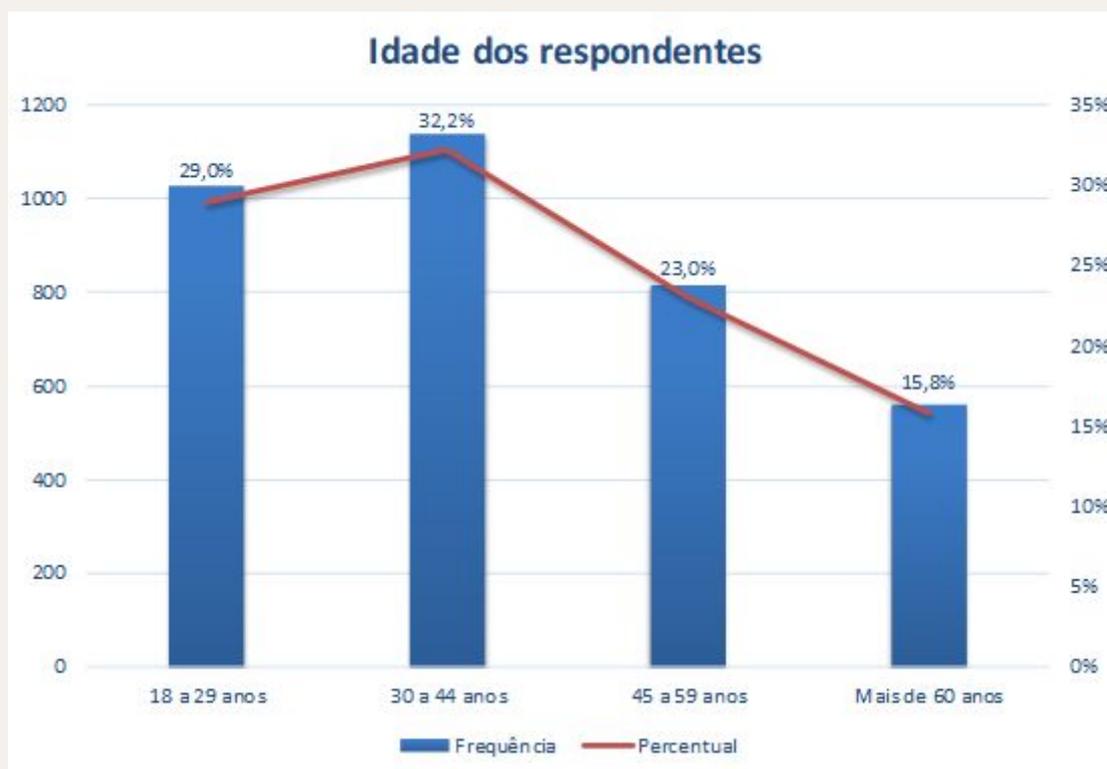
(3) Traços de personalidade: usamos a versão curta de dez itens para medir os traços de personalidade do BIG-5, conforme desenvolvido e testado pelo GESIS. Além disso, usamos os itens de Sidano e Pratto para cobrir as orientações de domínio social e a escala de extremismo de direita de Duckitt. O objetivo foi descobrir se esses traços de personalidade funcionam como moderadores na maneira como a insegurança existencial das pessoas, medida no primeiro bloco temático, afeta seus valores morais e de que forma tal moderação varia ao longo do tempo.

(4) Orientações sociais: adotamos itens testados e aprovados em pesquisas internacionais que abordam: confiança fora de grupos mais próximos, tolerância à pluralidade, solidariedade transcendente, necessidade cognitiva, uso da mídia em modo "câmara de eco", receptividade de teorias da conspiração, apoio a medidas autoritárias, satisfação com a vida e confiança no governo. Ademais, no caso brasileiro, o Instituto Sivos incluiu questões sobre preferência democrática e relativização da democracia, bem como perguntas sobre solidariedade e colaboração sociais para a resolução de problemas coletivos. De uma maneira ou de outra, essas orientações são indicações essenciais (ou contra-indicações) de bem-estar mental e, em conjunto, de uma cultura democrática saudável. Saber se essas indicações estão subindo ou descendo permite conclusões importantes sobre a vitalidade das sociedades constituídas democraticamente em tempos de graves crises.

Apresentação dos dados

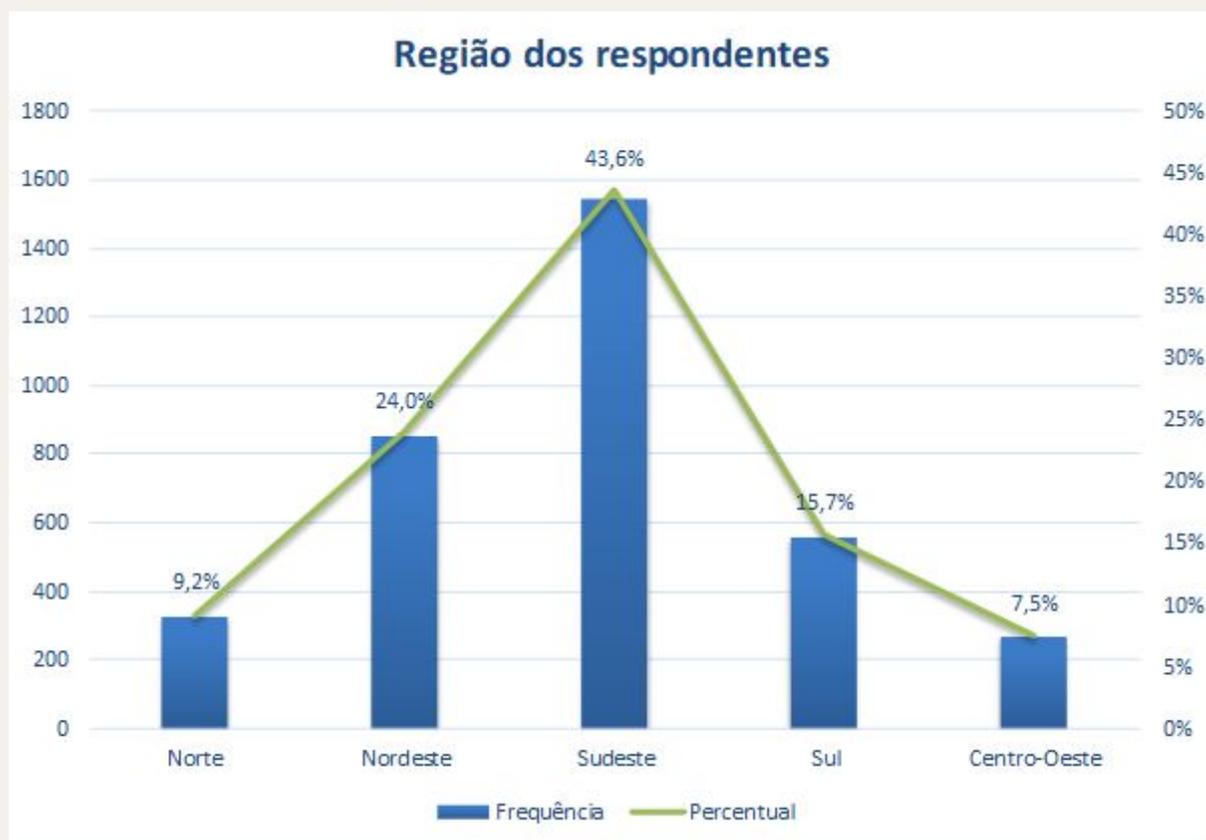
Antes da apresentação dos resultados das perguntas, é necessário apresentar as características da amostra dos 3.543 respondentes. A amostra procura se aproximar das características da população brasileira, observando cotas de idade, gênero, região de residência e escolaridade. Percebe-se uma ligeira predominância de entrevistadas mulheres, pessoas com idade entre 30 e 44 anos, moradores da região sudeste do país e indivíduos com escolaridade até ensino fundamental completo, como pode ser verificado nos gráficos a seguir.

Gráfico 1 – Idade dos respondentes da pesquisa



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 2 – Região de moradia dos respondentes da pesquisa



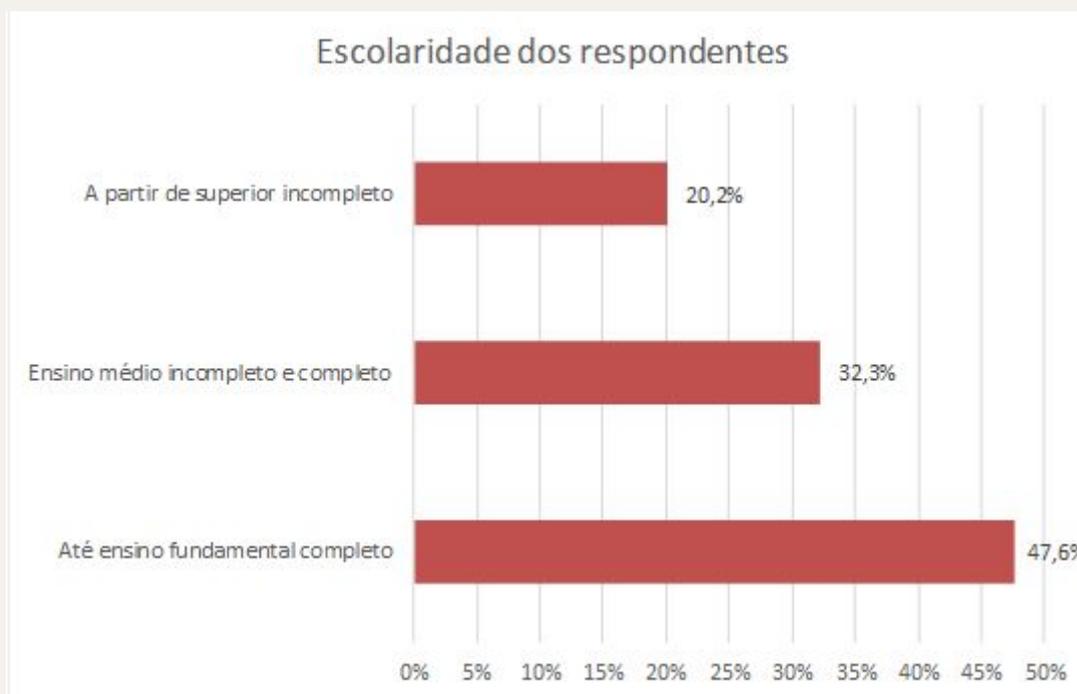
Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 3 – Sexo dos respondentes da pesquisa



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 4 – Escolaridade dos respondentes da pesquisa



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

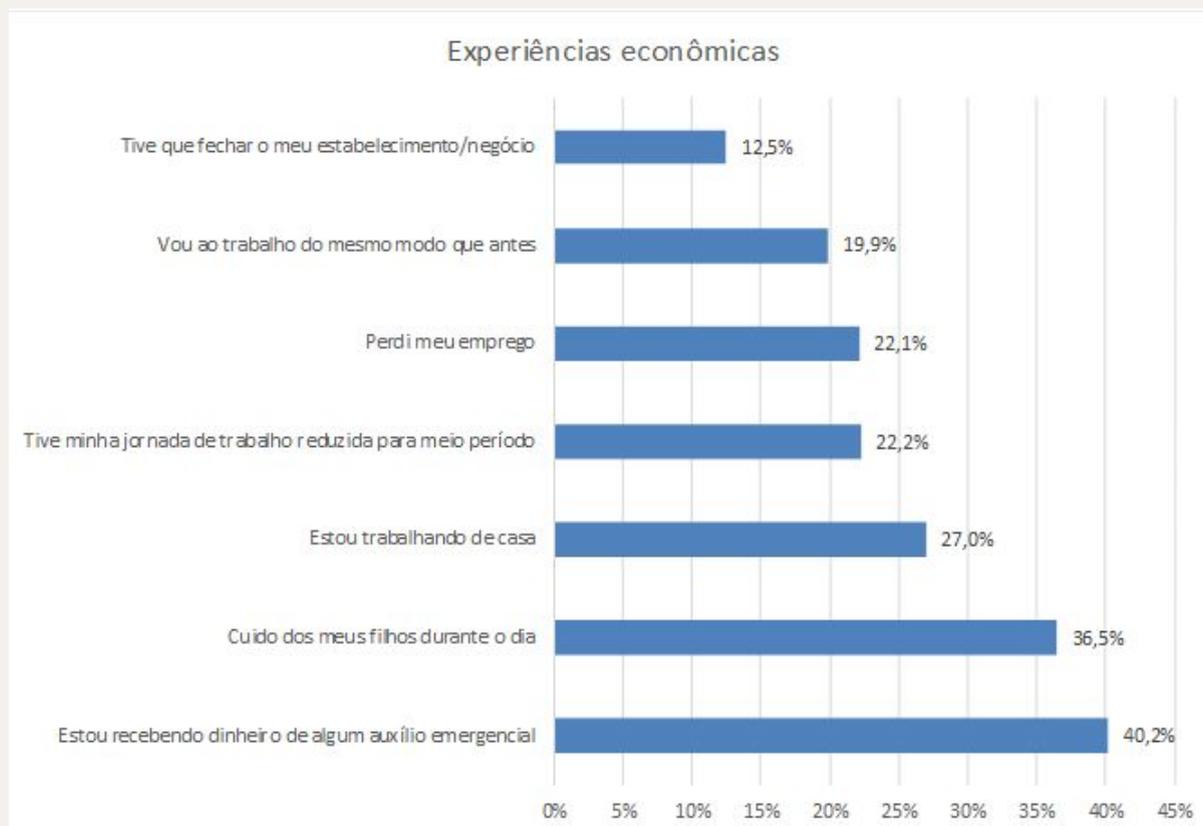
Para este relatório, selecionamos os resultados de algumas variáveis relacionadas com percepções da crise, orientações políticas e sociais, adesão à democracia e capital social. Os dados oferecem um retrato de como os brasileiros estão avaliando tais questões no momento. Quando as outras ondas da pesquisa forem realizadas, será possível aprofundar a comparação ao longo do tempo e os cruzamentos entre diferentes aspectos, observando o desenvolvimento dos impactos políticos e sociais da pandemia de COVID-19 junto à população brasileira.

Iniciamos a apresentação dos resultados, portanto, com experiências econômicas pelas quais os entrevistados afirmam ter passado. A mais frequente, sendo relatada por 40,2% deles, refere-se a receber dinheiro proveniente de algum auxílio emergencial, indicando a suscetibilidade da população brasileira à crise econômica decorrente da pandemia. O peso do trabalho doméstico também está refletido nas respostas, com 36,5% dos brasileiros indicando que cuida dos filhos durante o dia. 27% deles dizem estar trabalhando de casa, enquanto 22,2% apontam que a jornada de trabalho foi reduzida para meio período e 19,9% afirmam ir ao trabalho da mesma forma que antes (Gráfico 5).

Os efeitos da pandemia na economia são ainda mais visíveis ao considerar as respostas sobre desempregados ou empresários que perderam seus estabelecimentos. 22,1% dos respondentes dizem ter perdido o emprego, enquanto 12,5% deles afirmam ter fechado o estabelecimento ou negócio que chefiavam. O impacto tende a ser ainda maior junto a populações menos escolarizadas – que, no caso brasileiro, também costumam ser as mais pobres. Há uma correlação significativa entre as duas variáveis e isso é ilustrado pelos próprios resultados. 57,5% dos entrevistados que perderam o emprego durante a pandemia estão na faixa mais baixa de escolaridade (até ensino fundamental completo). 29,3% deles têm escolaridade média (ensino médio completo ou incompleto), enquanto apenas 13,1%

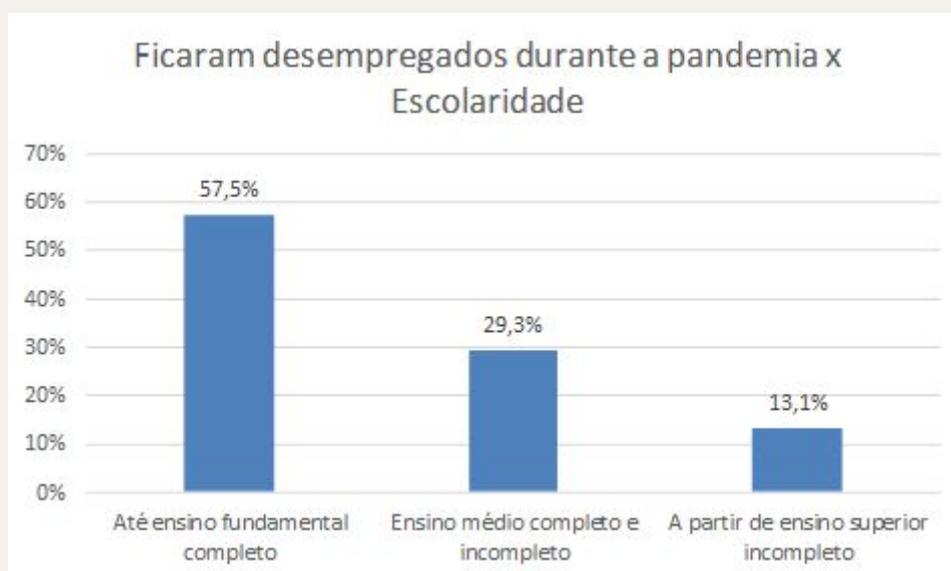
dos desempregados têm nível superior incompleto ou acima disso (Gráfico 6). Tais dados são indícios de como a crise desencadeada com a COVID-19 pode acentuar desigualdades já existentes na sociedade brasileira, atingindo com mais força a população que tende a estar em situação de vulnerabilidade.

Gráfico 5 – Experiências econômicas pelas quais os entrevistados passaram



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 6 – Escolaridade dos desempregados durante a pandemia



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

O próximo bloco de questões refere-se às percepções da crise da COVID-19 no funcionamento do país, tanto em aspectos políticos como sociais. A primeira pergunta solicita que os participantes avaliem a resposta do governo à pandemia. Enquanto 56,3% acreditam que o governo tem enfrentado mal ou muito mal a situação, 21,1% não têm uma avaliação definitiva sobre o assunto, respondendo nem um nem outro. Por fim, 22,6% fazem uma avaliação positiva das ações do governo. Ainda que não haja especificação de qual esfera do governo está em análise, a distribuição das respostas aproxima-se das avaliações de desempenho do governo federal², indicando que pode haver sobreposição entre a avaliação do governo e das ações de combate à pandemia.

Gráfico 7 – Avaliação da resposta do governo à pandemia

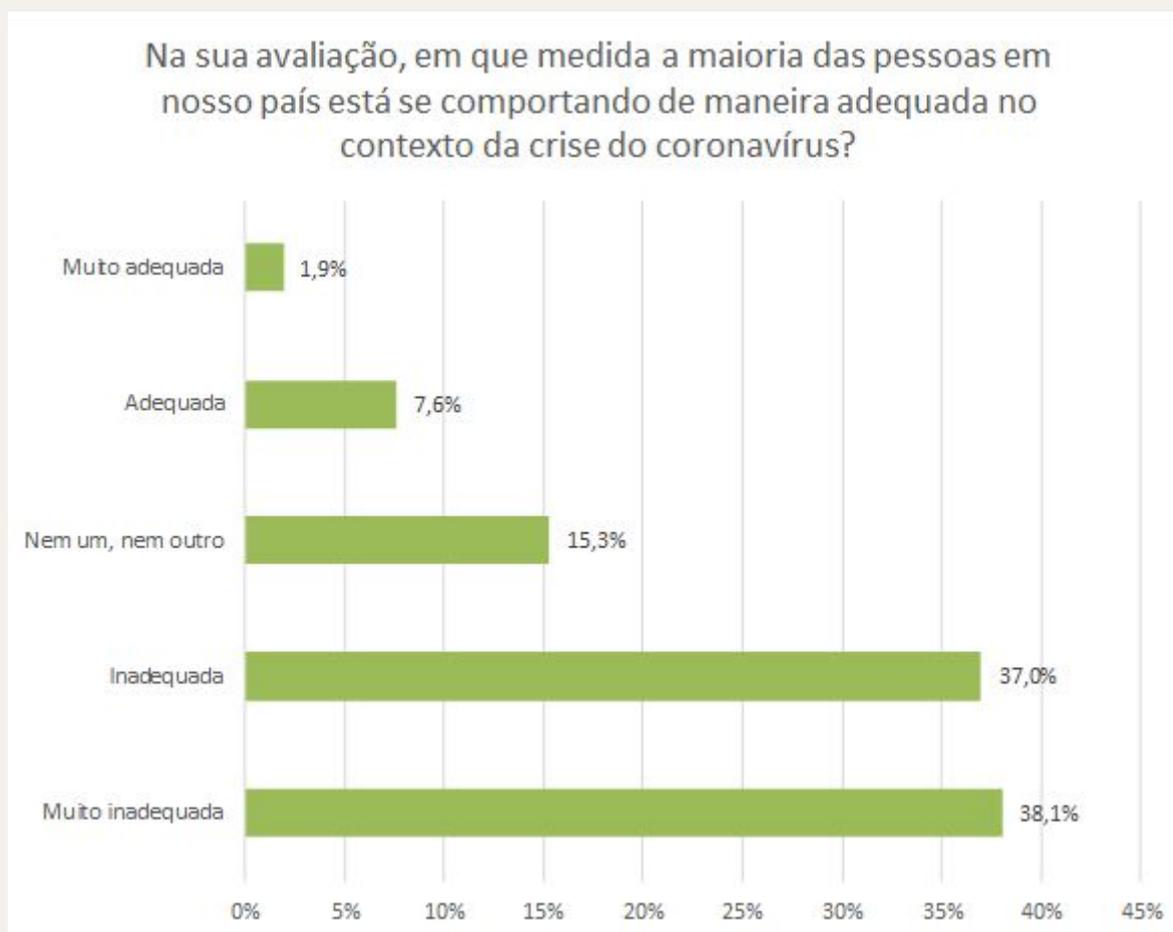


Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Quando solicitados a avaliar o comportamento dos cidadãos em relação à pandemia de COVID-19, a maioria dos brasileiros tende a reprovar as ações dos compatriotas. 75,1% dos entrevistados afirmam que a maior parte das pessoas está se comportando de forma muito inadequada ou inadequada, enquanto apenas 9,5% dizem que o comportamento é adequado ou muito adequado. Os resultados podem ser indícios de que os cidadãos reconhecem a importância das medidas de contenção da disseminação do vírus, mas acreditam que boa parte da população não está agindo de forma condizente com elas.

² Disponível em <<https://www.poder360.com.br/pesquisas/pesquisa-xp-confirma-datapoder360-com-bolsonaro-sendo-aprovado-por-28/>>. Acesso em 23 jun. 2020.

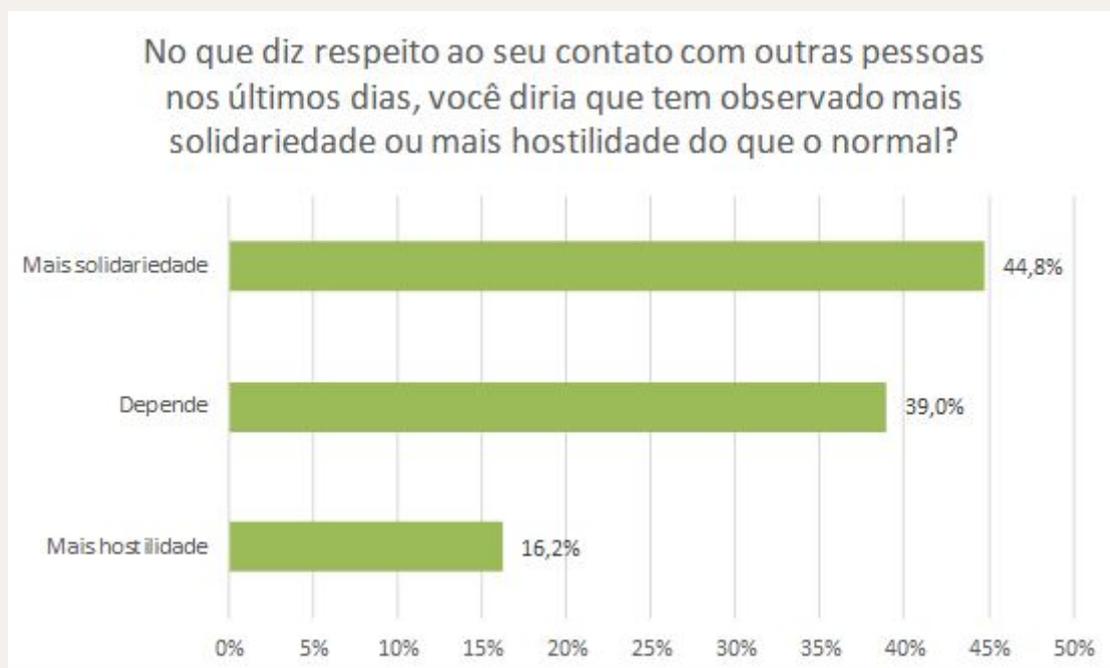
Gráfico 8 – Avaliação do comportamento dos cidadãos durante a pandemia



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

A pesquisa também questionou a percepção dos participantes a respeito da solidariedade ou da hostilidade das pessoas durante a pandemia. A maioria dos brasileiros (44,8%) afirma ter identificado mais solidariedade ao ter contato com outros cidadãos, enquanto 39% afirmam que depende. A boa notícia é que o aumento de hostilidade foi verificado pela minoria dos entrevistados (16,2%), indicando que a situação de crise pode ter desencadeado comportamentos mais colaborativos por parte dos cidadãos.

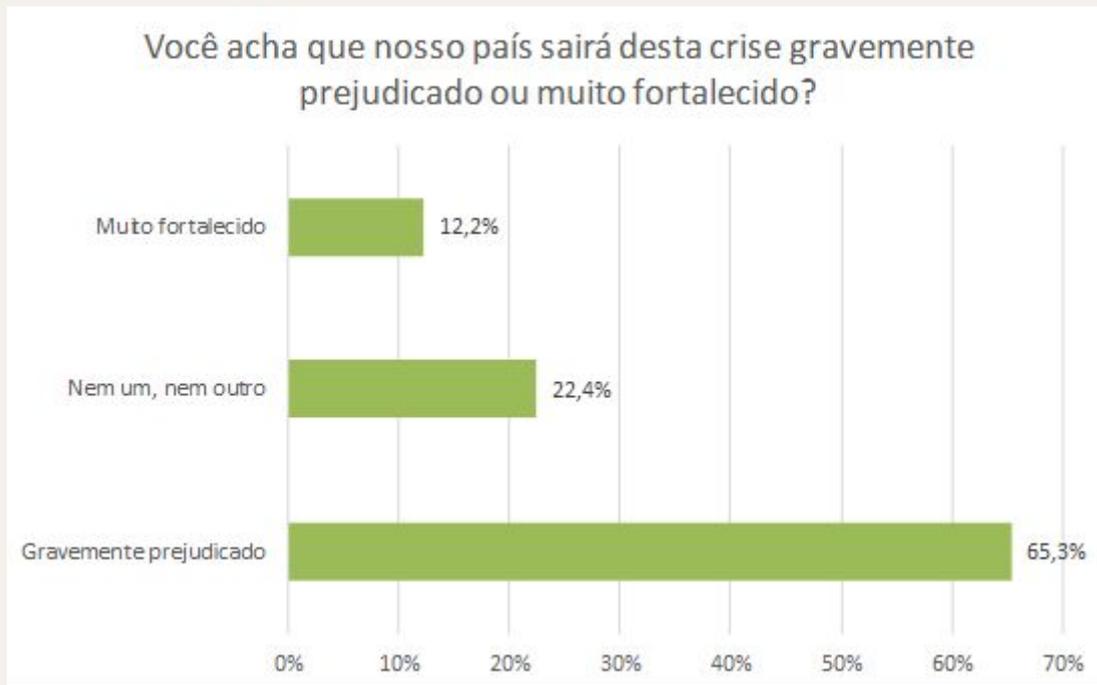
Gráfico 9 – Solidariedade e hostilidade no contato com as pessoas



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

A avaliação positiva não se mantém, porém, ao considerar o prognóstico para o cenário pós-pandemia (Gráfico 10). 65,3% dos entrevistados afirmam que o Brasil sairá gravemente prejudicado da crise, enquanto apenas 12,2% acreditam que o país ficará muito fortalecido. Há, ainda, uma parcela significativa que parece não ver melhorias ou pioras significativas, representando 22,4%.

Gráfico 10 – Efeito da crise sobre o país



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

As questões seguintes dedicam-se a medir os valores democráticos dos brasileiros. A primeira avalia a adesão formal à democracia por meio da concordância ou discordância com a frase “apesar de ter alguns problemas, a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”. A grande maioria dos entrevistados concorda em algum grau com esta ideia (Gráfico 11), sendo que 40,1% concordam totalmente, enquanto 35,8% concordam em parte. Isto é um indício do que o compromisso dos brasileiros com a democracia não está ancorado em bases sólidas, como será demonstrado em seguida.

Perguntar diretamente a respeito do apoio dos cidadãos à democracia não é suficiente para saber se realmente preferem o regime. Para isso, é necessário questioná-los de outra forma, a fim de compreender se estão dispostos a relativizar a democracia. Assim, a pesquisa pede que os entrevistados expressem seu grau de concordância ou discordância com a frase “quando há uma situação de crise, não importa que o governo passe por cima de leis, do Congresso ou das instituições com o objetivo de resolver os problemas e melhorar a vida da população” (Gráfico 12). Apenas 17,5% dos brasileiros discordaram totalmente da frase, indicando que 82,5% deles aceita algum grau de relativização do regime. Mais grave ainda, quase 1/3 dos respondentes (27,4%) concorda totalmente que o governo pode atropelar as outras instituições em situações de crise.

A esta altura, é necessário ressaltar outro ponto revelado pelos dados: mesmo entre os cidadãos que concordam totalmente que a democracia é a melhor forma de governo, há uma disposição significativa em relativizar o regime (Gráfico 13). 26,4% de quem expressa preferência democrática também discorda totalmente da relativização da democracia e pode, portanto, ser classificado como um democrata sólido (Inglehart and Welzel, 2009; Fuks, Casalecchi and David, 2016). Por outro lado, 73,6% dos entrevistados que preferem a democracia aceitam relativizá-la em algum grau, sendo classificados como democratas

instrumentais. Para efeito de comparação, o percentual de democratas instrumentais em nível nacional é mais alto que o encontrado na aplicação do Índice de Democracia Local (IDL) em São Paulo, onde 52,8% dos entrevistados que veem a democracia como a melhor forma de governo aceitariam relativizá-la (Instituto Sivos, 2019). O principal problema decorrente de uma alta taxa de democratas instrumentais é que eles podem retirar seu apoio ao regime caso tenham suas expectativas frustradas, sejam elas políticas, econômicas ou de outra ordem. Assim, a existência de poucos democratas sólidos em uma sociedade pode colocar em risco a sustentação da democracia.

Gráfico 11 – Adesão formal à democracia



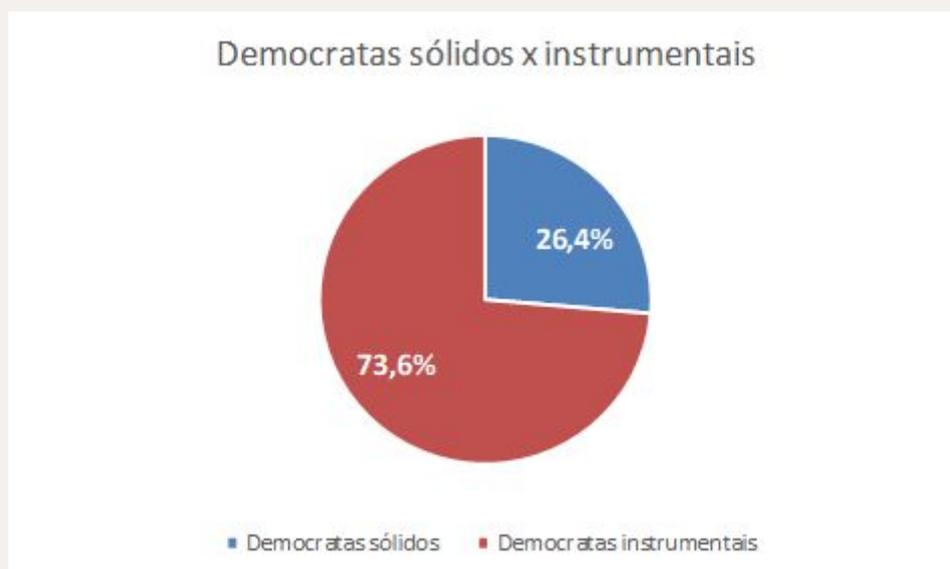
Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 12 – Relativização da democracia



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

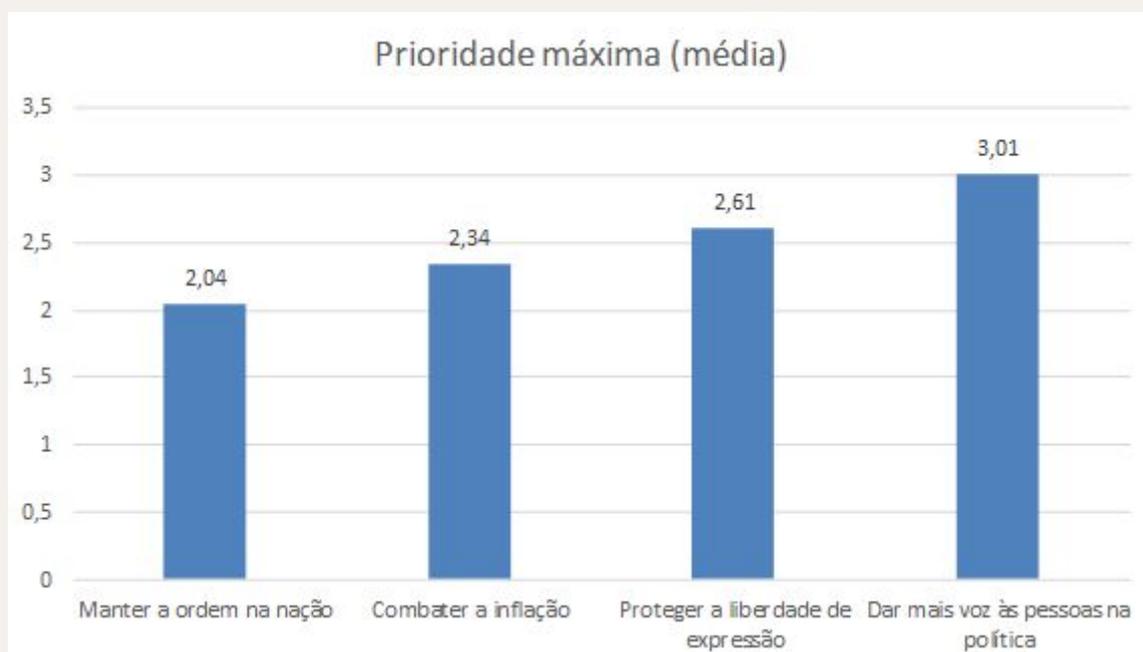
Gráfico 13 – Democratas sólidos e instrumentais



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Outro ponto abordado pela pesquisa é a prioridade que os cidadãos dão a diferentes metas para os próximos anos. Os entrevistados deveriam ordenar, de 1 a 4, quais pontos veem como os mais importantes. Neste caso, quanto menor a média, maior a prioridade atribuída a cada uma das metas. Os resultados revelam, portanto, que manter a ordem na nação é a principal prioridade quando calculada a média das respostas, seguida pelo combate à inflação. Valores tradicionalmente atrelados à cultura democrática são menos priorizados, como a proteção à liberdade de expressão e o fortalecimento da participação popular na política. Quando colocados ao lado dos resultados apresentados na seção anterior, ficam evidentes as limitações da cultura democrática dos brasileiros.

Gráfico 14 – Prioridade máxima para os próximos dez anos



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

A pesquisa trouxe questões a respeito do consumo de informação por parte dos cidadãos. A primeira pergunta neste sentido refere-se à crença de que a pandemia seria um boato e que as medidas de quarentena para evitar a propagação do vírus são reações exageradas. A grande maioria da população (83,7%) afirma não acreditar nessas histórias.

Gráfico 15 – Crença em boatos sobre a pandemia



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Se os resultados a respeito da crença em boatos são positivos, as respostas dos cidadãos a respeito da confiança nas mídias sociais e na mídia tradicional indicam limitações na compreensão das diferenças entre elas. Metade dos entrevistados (50,1%) afirma que as mídias sociais e a mídia tradicional são confiáveis na mesma medida. Os dados são um indício de que, embora haja um crescimento na confiança na mídia tradicional no Brasil em 2020 (Newman et al., 2020), as plataformas tradicionais de comunicação ainda não são vistas, por larga parcela da população, como as fontes mais confiáveis de informação, o que produz efeitos concretos sobre o ambiente informacional do país. Na prática, os resultados indicam que metade dos respondentes equiparam jornais ou emissoras de televisão, que contam com estruturas profissionalizadas para a produção de notícias, com páginas de Facebook podem divulgar informações com quaisquer tipos de procedência, inclusive duvidosas. Ao mesmo tempo, quase 1/3 dos brasileiros afirmam que a mídia tradicional é mais digna de confiança que as mídias sociais (28,9%), enquanto 21% atestam confiar mais em informações provenientes das mídias sociais.

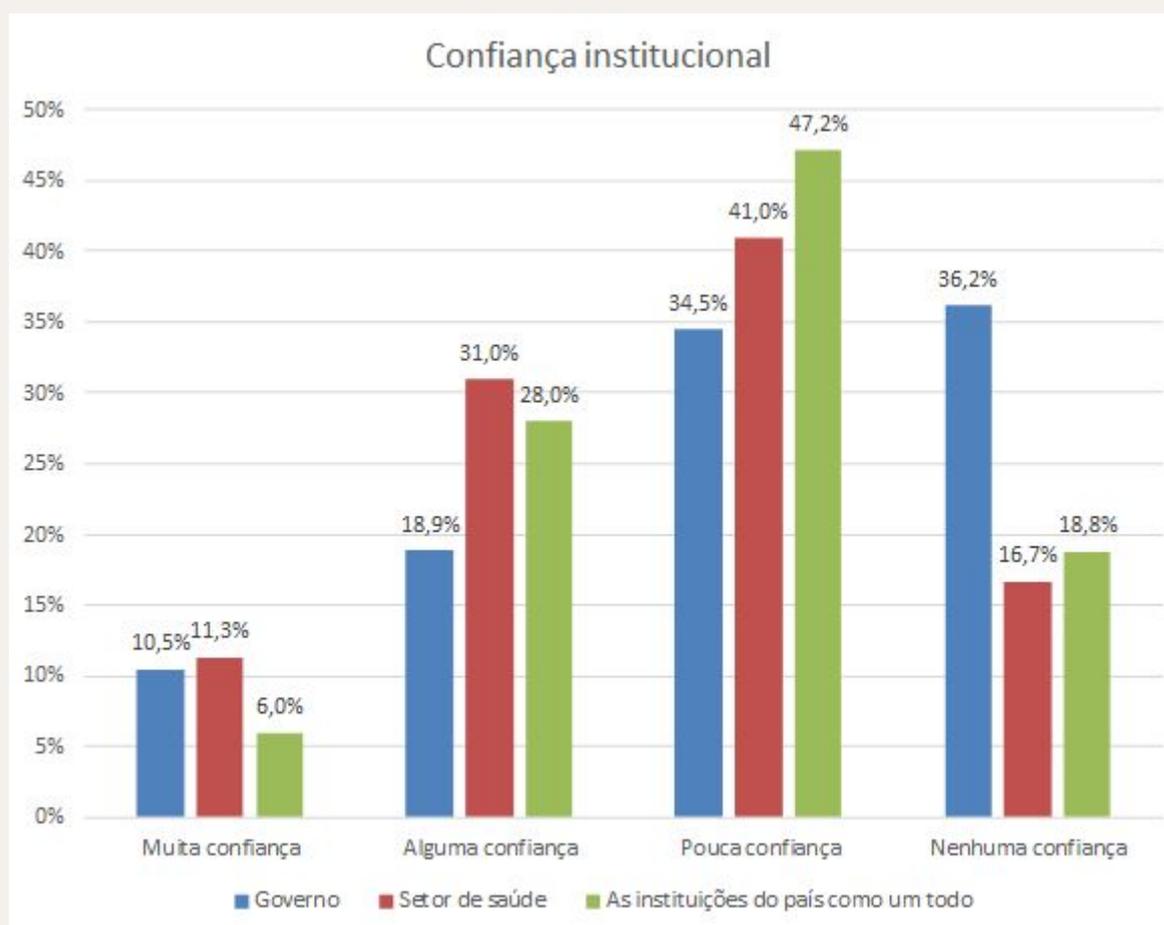
Gráfico 16 – Confiança nas mídias sociais e na mídia tradicional



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

A pesquisa também questionou os participantes sobre seus níveis de confiança nas instituições. Conforme esperado, dado que se trata de um fenômeno identificado em outras pesquisas sobre o Brasil (Moisés, 2010; Ribeiro, 2011), verifica-se alto grau de desconfiança nas instituições do país. 66% dos entrevistados não confiam ou confiam pouco nas instituições do país como um todo, enquanto 70,7% desconfiam do governo em alguma medida. As instituições que se mostram mais confiáveis são aquelas atreladas ao setor de saúde, dado que 42,3% dos brasileiros afirmaram confiar muito ou confiar em algum grau nelas, embora também haja níveis significativos de desconfiança – o que pode aprofundar as dificuldades para a contenção de uma grande emergência de saúde pública.

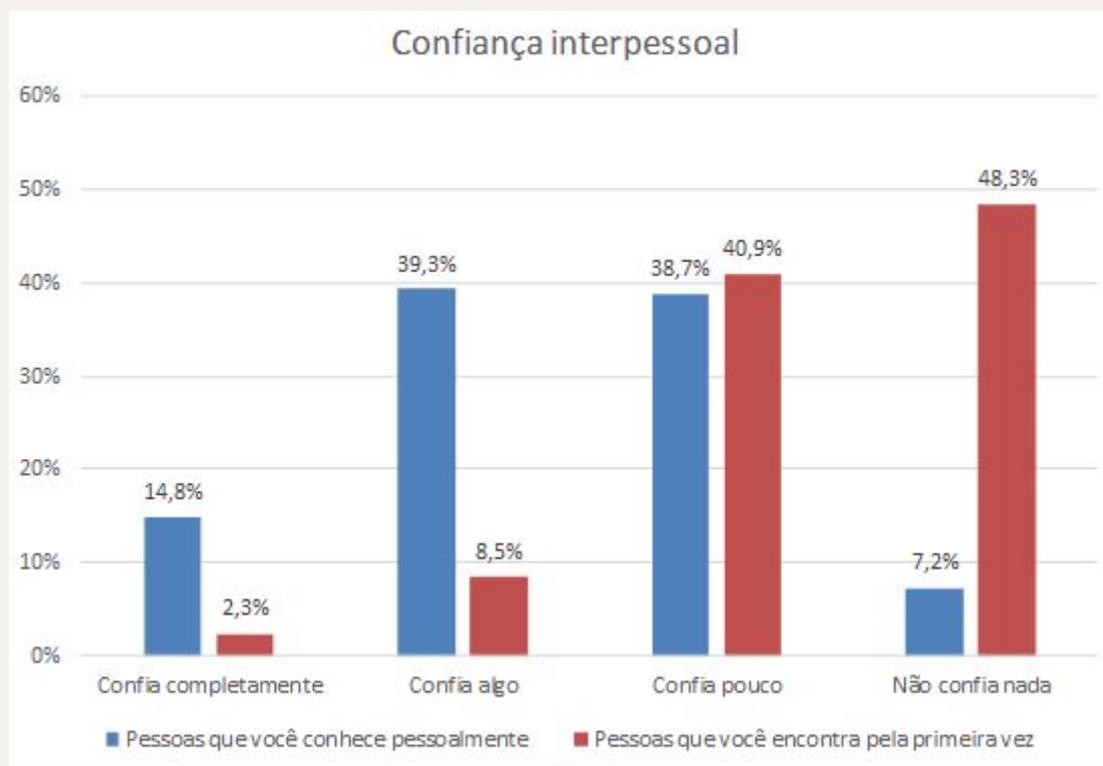
Gráfico 17 – Confiança institucional



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Os resultados para a confiança interpessoal também estão em consonância com resultados semelhantes encontrados para o caso brasileiro por outras pesquisas (Latinobarómetro, 2018). Há uma tendência de que os cidadãos do país confiem apenas em pessoas de seu círculo mais próximo de relacionamento – e, ainda assim, com restrições, pois apenas 14,8% confiam totalmente nas pessoas que conhecem pessoalmente. Já quando se trata de estranhos, a desconfiança é regra. 89,2% dos entrevistados diz que confia pouco ou não confia nada em pessoas que encontrou pela primeira vez, indicando as dificuldades de criar e fortalecer o capital social no país.

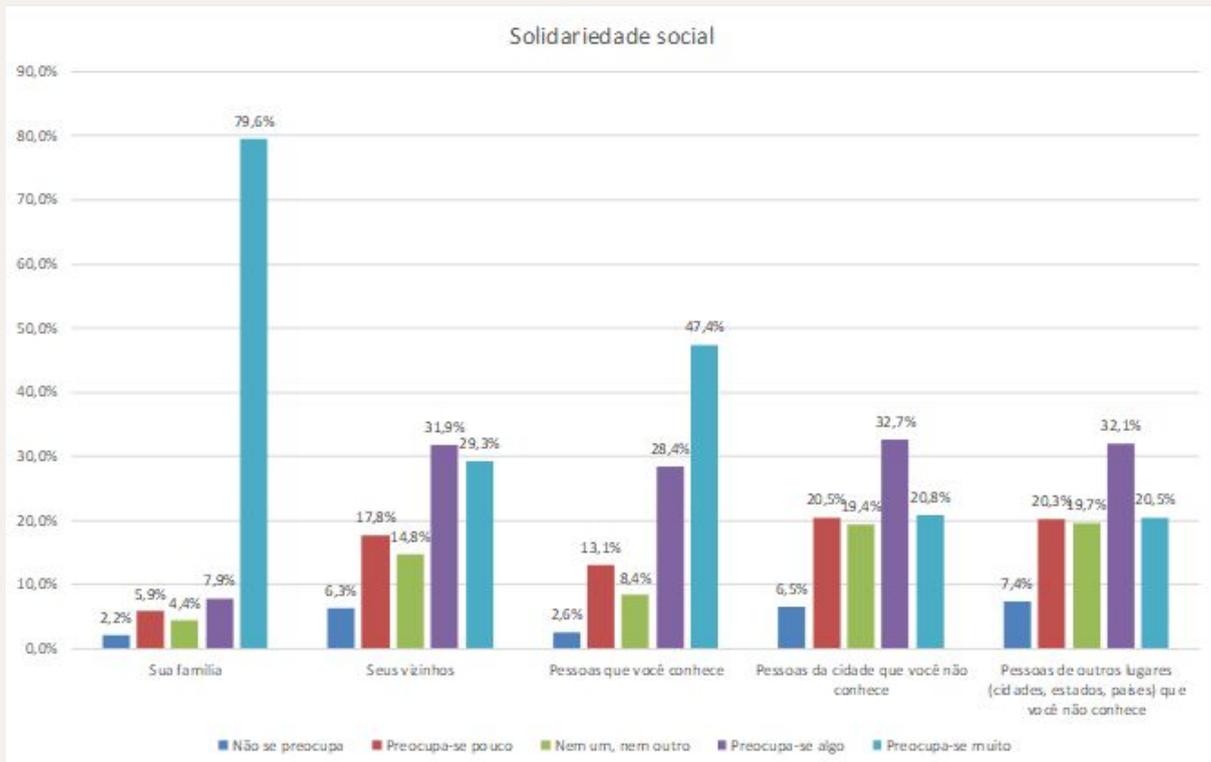
Gráfico 18 – Confiança interpessoal



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

As dificuldades de geração de capital social permanecem ao considerar as respostas referentes à solidariedade social. A significativa maioria dos entrevistados preocupa-se muito com seus familiares (79,6%), com diminuições relevantes à medida que as pessoas se afastam de seu círculo de relacionamento mais próximo. Ainda assim, é necessário ressaltar que mais de 30% dos brasileiros afirmam se preocupar em alguma medida com pessoas desconhecidas, sejam da própria cidade (32,7%) ou de outros lugares (32,1%). Isto é um indício, portanto, de disposição para fortalecer laços sociais, fomentando a cultura democrática no país.

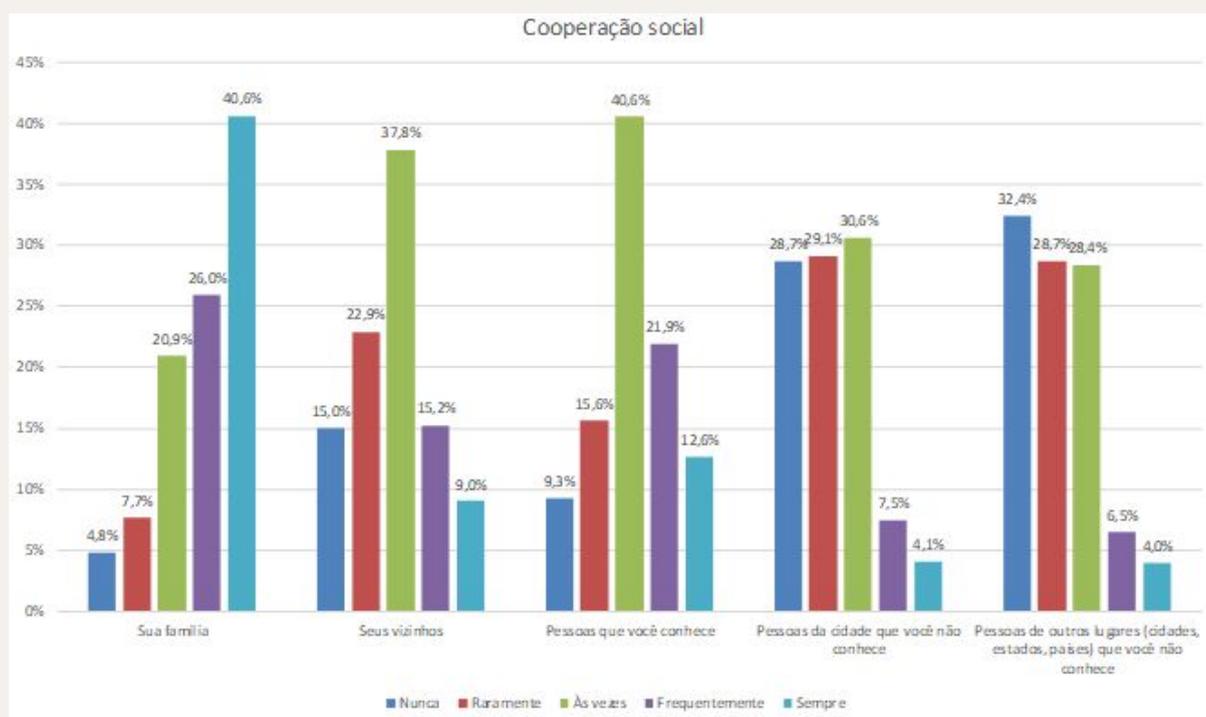
Gráfico 19 – Solidariedade social



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Os resultados para cooperação social indicam certo grau de disposição dos brasileiros em engajarem-se nas comunidades com as quais convivem, principalmente se elas são próximas de suas realidades. 40,6% dos entrevistados afirmam sempre cooperar com a família para resolver problemas coletivos, enquanto 37,8% dizem que o fazem às vezes com os vizinhos e 40,6% cooperam às vezes com pessoas que conhecem. Mesmo quando lidam com desconhecidos, sejam da cidade ou de outros lugares, quase 30% dos respondentes dizem se engajar às vezes para resolução de problemas coletivos. No entanto, quanto mais afastados, maior a probabilidade de que os brasileiros nunca cooperem uns com os outros (28,7% afirmam nunca cooperar com pessoas da cidade que não conhecem, enquanto 32,4% não se engajam com desconhecidos de outras localidades).

Gráfico 20 – Cooperação social

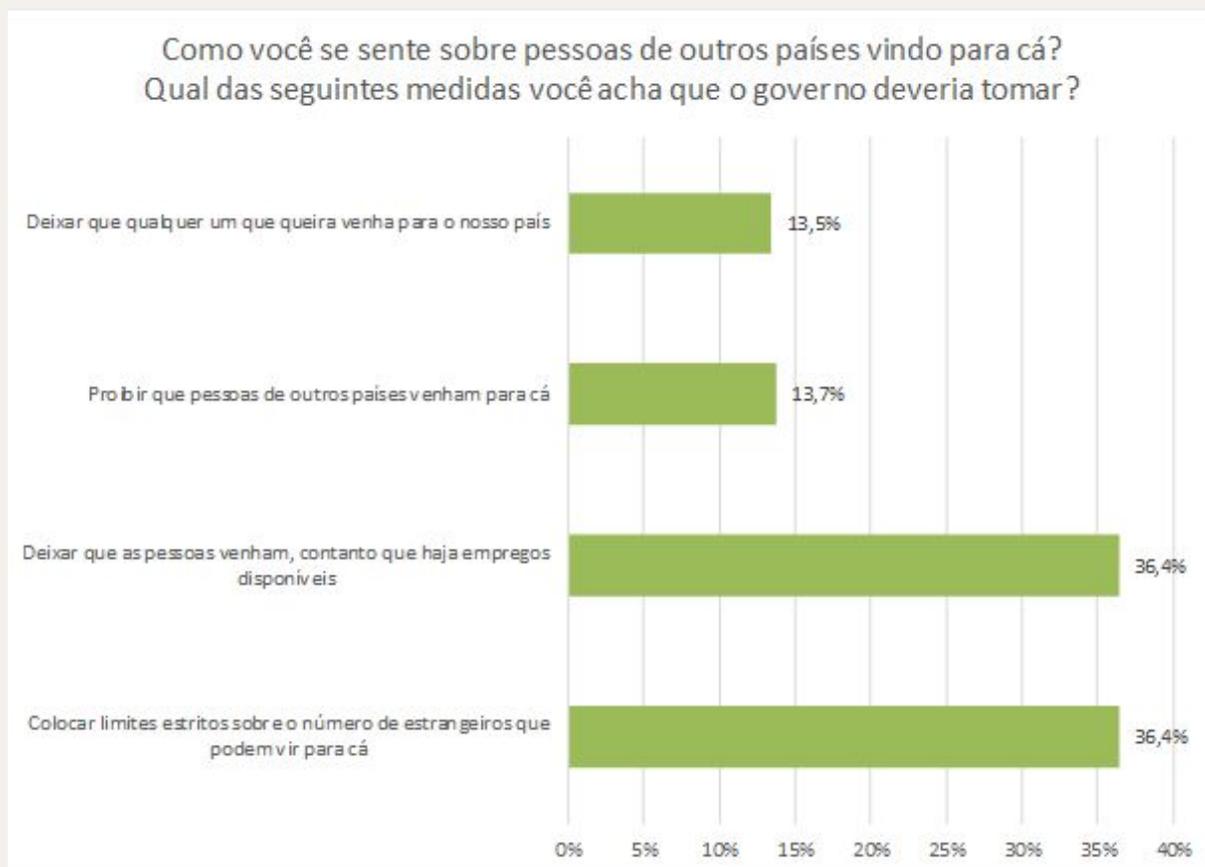


Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

O último conjunto de questões refere-se à abertura dos brasileiros à cooperação internacional. Primeiro, eles foram questionados sobre sentimentos a respeito de imigração e sobre quais políticas o governo deveria adotar em relação a estrangeiros (Gráfico 21). As duas respostas prioritárias defendem algum tipo de restrição a imigrantes, seja limitar quantas pessoas poderiam ser recebidas ou aceitá-los apenas quando houver empregos disponíveis – cada uma das opções foi escolhida por 36,4% dos entrevistados. Já a proibição à imigração foi endossada por 13,7% dos brasileiros. A quantidade é semelhante à opção de deixar que qualquer um que deseje venha ao país, que teve preferência de 13,5% dos participantes.

A segunda questão refere-se à cooperação internacional mais diretamente, perguntando se os brasileiros acham que o governo deveria dar prioridade máxima para resolver os problemas do nosso próprio país por nossa própria conta ou se deveria dar prioridade máxima para resolver problemas globais em cooperação com outros países. Nesta resposta, há uma divisão perceptível da sociedade brasileira, com 52% escolhendo a primeira opção e 48% preferindo a segunda – indicando que não há consenso sobre a questão.

Gráfico 21 – Abertura à imigração



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Gráfico 22 – Cooperação internacional



Fonte: Pesquisa Valores em Crise (2020)

Considerações finais

Os resultados apresentados na seção anterior apresentam um primeiro retrato da situação social e política do Brasil durante a pandemia da COVID-19. De modo geral, os dados confirmam algumas tendências identificadas em pesquisas anteriores a respeito do comportamento dos brasileiros, especialmente em termos de confiança e solidariedade social, ao passo que também trazem sinais de alerta ao apoio à democracia no país e às experiências econômicas decorrentes da disseminação do vírus.

Inicialmente, os dados evidenciam que os brasileiros sentiram fortes impactos econômicos com a COVID-19, sendo o recebimento de algum auxílio emergencial a experiência mais comum. Isto é um indício da vulnerabilidade de parcela significativa da população à crise, dado que os auxílios são voltados justamente a tal segmento. Além disso, os resultados também demonstram que mais de 1/3 dos entrevistados perderam o emprego ou precisaram fechar seus estabelecimentos, sinalizando a profundidade do problema. O cruzamento com dados sócio demográficos fortalece a percepção de que a população menos favorecida tem sofrido mais com a crise, dado que os menos escolarizados – que também tendem a ser mais pobres na sociedade brasileira – tiveram mais chances de ficar desempregados. Ademais, o prognóstico feito para o futuro do país não é positivo, indicando que a sociedade vê possibilidades significativas de prejuízos no pós-pandemia.

Em relação ao comportamento político dos entrevistados, o grande ponto de preocupação refere-se ao grau de cultura democrática. O primeiro sinal das limitações da cultura democrática no país está relacionado com a adesão à democracia. Ainda que, formalmente, os brasileiros demonstrem níveis razoáveis de concordância com a ideia de que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, os resultados para a disposição a relativizar o regime indicam que o compromisso democrático dos brasileiros não está ancorado em bases sólidas. Neste sentido, a comparação com os dados das próximas ondas da pesquisa poderá demonstrar o efeito da pandemia no apoio ao regime. Em outros contextos, já há evidências de que a atuação bem-sucedida do governo no controle da COVID-19 teve impactos positivos para a adesão à democracia (Blais et al., 2020). Um enfrentamento deficitário, portanto, pode produzir impactos que vão além dos graves desdobramentos para a saúde pública.

Os resultados para confiança, seja interpessoal ou institucional, complementam o diagnóstico de falhas na cultura democrática dos brasileiros. De forma semelhante ao que foi diagnosticado em outros estudos sobre o caso brasileiro (Moisés, 2005, 2010; Ribeiro, 2011; Latinobarómetro, 2018), os brasileiros tendem a desconfiar das instituições políticas e das pessoas que não conhecem, evidenciando as dificuldades em gerar capital social na sociedade. Devido ao contexto da pandemia, os entrevistados também foram questionados especificamente sobre a confiança no setor de saúde, que recebem uma avaliação mais positiva que a das outras instituições. Todavia, ainda existe grau significativo de desconfiança em tal setor, o que tende a aprofundar os impactos da pandemia, pois pode criar dificuldades em unificar medidas de prevenção e de tratamento da situação. Ao mesmo tempo, os dados para cooperação social indicam certa disposição, ainda que esporádica, para que os cidadãos colaborem para resolução de problemas coletivos,

mesmo com desconhecidos. Há, portanto, a possibilidade de que a união para superar os desdobramentos da pandemia resulte em maior solidariedade entre os cidadãos brasileiros, o que pode produzir efeitos positivos para a cultura democrática como um todo.

A desconfiança nas instituições, por sua vez, parece produzir efeitos também sobre aquelas que não são estatais, como os meios de comunicação. Embora a maioria expressiva dos entrevistados tenha declarado não acreditar nos boatos a respeito da COVID-19, os resultados para confiança nas informações recebidas via mídias sociais ou mídia tradicional indicam certo desconhecimento a respeito das características dos dois ambientes. O fato de metade da população dizer que informações provenientes de mídias sociais são tão confiáveis quanto as procedentes da mídia tradicional pode ser compreendido como expressão da desconfiança nas instituições de forma geral (Albuquerque, 2020; Humprecht, Esser and Van Aelst, 2020), gerando impactos concretos sobre o ambiente informacional do país. O cenário se torna mais grave durante uma crise de saúde pública, dado que a desinformação também dificulta o combate à doença e torna as pessoas mais suscetíveis a contraí-la.

Em suma, os resultados da primeira onda da pesquisa **Valores em Crise** revelam uma população fortemente afetada pela pandemia da COVID-19 e que expressa expectativas negativas para o futuro. Em termos políticos, há limitada adesão à democracia, especialmente quando se trata de um apoio qualificado ao regime. A cultura democrática aparece fragilizada, embora haja possibilidades de fortalecê-la, especialmente por meio do aumento da solidariedade e da cooperação entre os cidadãos. Os dados não permitem, por enquanto, assegurar em que medida os resultados encontrados são decorrência da crise instalada no país, mas indicam que superá-la requer um esforço urgente por parte de toda a sociedade, sob pena de aprofundar desigualdades e déficits já encontrados na democracia brasileira.

Referências

Albuquerque, A. (2020) 'O discurso das fake news e sua implicação comunicacional na política e na ciência', *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(1), pp. 184–198. doi: 10.29397/reciis.v14i1.2016.

Blais, A. et al. (2020) The effect of COVID-19 lockdowns on political support: Some good news for democracy?

Fuks, M., Casalecchi, G. A. and David, F. (2016) 'Qualificando a adesão à democracia: quão democráticos são os democratas brasileiros?', *Revista Brasileira de Ciência Política*, (19), pp. 199–219.

Humprecht, E., Esser, F. and Van Aelst, P. (2020) 'Resilience to Online Disinformation: A Framework for Cross-National Comparative Research', *International Journal of Press/Politics*. doi: 10.1177/1940161219900126.

Inglehart, R. and Welzel, C. (2009) *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo, Brasil: Editora Francis.
Instituto Sivos (2019) *Índice de Democracia Local - São Paulo*. Curitiba.

Latinobarómetro (2018) *Informe 2018*. Santiago. Available at: www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.p.

Moisés, J. Á. (2005) 'Cidadania, confiança e instituições democráticas', *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 4(65), pp. 71–94. doi: 10.1590/s0102-64452005000200004.

Moisés, J. Á. (2010) *Democracia e Confiança: Por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas*. São Paulo: Edusp.

Newman, N. et al. (2020) *Digital News Report 2020*. Oxford. doi: 10.2139/ssrn.2619576.

Ribeiro, E. (2011) 'Confiança política na América Latina: evolução recente e determinantes individuais', *Revista de Sociologia e Política*, 19(39), pp. 167–182.